



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A ACELERAÇÃO CONTEMPORÂNEA E A EDUCAÇÃO: O ENSINO DE GEOGRAFIA EM QUESTÃO

Francisco Ringo Star Pinto

Mestrando Programa de Pós – Graduação em Ensino – PPGE/UERN/CAMEAM
geografo.pesquisa@gmail.com

Professora Dr^a. Maria da Conceição Costa

Programa de Pós – Graduação em Ensino – PPGE/UERN/CAMEAM
ceicaomcc@hotmail.com

Professora Me. Francisca Elizonete de Souza Lima

Professora do Curso de Geografia/UERN/CAMEAM
lilielizonetesouza@gmail.com

Resumo: A aceleração contemporânea é um momento culminante na história, pois está sempre se criando o novo em todos os aspectos históricos, culturais, sociais e do próprio espaço geográfico. O período técnico-científico-informacional, que vem tomando corpus desde a década de 1990, vem tomando aqui e ali mudanças significativas, e na educação, com o processo de ensino-aprendizado, principalmente em Geografia não é diferente. Propõe-se discutir a educação a partir das transformações impostas no mundo atual, levando em questão o ensino de geografia, neste atual período, a interdisciplinaridade, a escola, e a formação do docente. As contribuições teóricas a partir de Cavalcanti (1998, 2012), Santos (2012a, 2012b), (Vesentini; Callai, 2015), Libâneo (1994), além de outros teóricos, foram imprescindíveis para a discussão deste trabalho. Este trabalho, é fruto também da nossa formação e das nossas experiências em sala de aula, dedicados há anos ao trabalho docente no ensino de Geografia, como também das nossas pesquisas no programa de Pós-Graduação em ensino, e que cada vez mais, vemos a necessidade de mudança de paradigma, quando se trata cada vez mais, da renovação e inovação de uma disciplina em sala de aula, em busca cada vez mais da construção epistemológica do conhecimento, frente às novas mudanças e à realidade em torno do mundo. Diante de uma discussão teórica em torno do ensino, somos levados a pensar e discutir o papel da Geografia frente a sala de aula e o mundo em que vivemos, isto é, o Espaço Geográfico.

Palavras-chave: Aceleração Contemporânea. Educação. Ensino de Geografia. Meio técnico-científico-informacional.

Introdução

Em sua famosa obra *Por uma geografia nova* Milton Santos (2012, p. 194), já dizia que “quando a ciência não é capaz de criar senão o que ela já conhece, está renunciando à sua grande missão”. Nossa tentativa epistemológica, teórica e sobretudo

empírica, é abordar o papel da disciplina de geografia no espaço escolar, e como essa disciplina pode contribuir para formar discentes com consciência crítica, capazes de compreender os atuais processos técnicos, científicos e informacionais a partir dos atuais conceitos geográficos, que muitas vezes na sala de aula, são escassos pela falta de rigor



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

metodológico e crítico de uma disciplina que tem tudo para se destacar entre as outras áreas das ciências humanas e ao mesmo tempo ciência capaz de responder aos atuais problemas contemporâneos pelo qual estamos vivendo.

Para a construção de um determinado contexto, é necessário entendermos o(s) conceito(s), os valores e os seus significados. Pois na aplicação do método, é necessário que os conceitos sejam tratados rigorosamente à luz do presente histórico, na medida em que as nossas descrições e explicações sejam pertinentes do ponto de vista crítico do público alvo científico, como também uma contribuição epistemológica não só ao ensino de Geografia, como também às ciências humanas de uma forma geral.

Em busca da construção e definição do nosso método de trabalho, a ideia de meio técnico-científico-informacional é inseparável ao ensino de geografia, pois, descrever este atual processo histórico, é também explicitar científico e empiricamente a que mudanças vem passando na educação básica, e em especial, no ensino de Geografia, com esse atual período em marcha. Para tanto, não se trata de discutir o papel isoladamente da tecnologia no ensino, mas sobretudo, explicar com precisão os desafios e as possibilidades que vem ocorrendo no ensino básico, já que a ideia de construtivismo é ideal à nossa

discussão, onde este conceito é amplamente discutido no cenário atual da educação. Na opinião de Tancredi (2008,),

É preciso que a educação escolar seja tal que possibilite à população, além do acesso ao mercado de trabalho e de consumo, uma reflexão crítica e fundamentada sobre a avalanche de informações e de modelos de vida que lhe chegam cotidianamente. (p. 2).

O papel da educação escolar nessa atual fase é primordial e enriquecedora diante de nossos questionamentos e discussões, pois suscitam nossas curiosidades, ao ponto de indagarmos, até que ponto o professor de Geografia discute os atuais processos globais em sala de aula com o aluno, e como os conteúdos são trazidos para o cotidiano do aluno.

Ao longo desta discussão, temas desafiadores são pertinentes na nossa proposta de discussão em torno deste mundo em constante e rápidas transformações e a educação. Na primeira seção, discutiremos o processo de transformação do mundo, os rumos da educação e o ensino de geografia. Uma tentativa de elucidar, o atual processo de ensino e aprendizagem, sobretudo no campo da geografia. A escola é o cenário ideário para a discussão dos conteúdos e da formação crítica do aluno, a que nos referimos na segunda seção deste trabalho. E por fim, A terceira e última seção, é uma das questões mais importantes pelo qual iremos abordar



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

que é a formação do professor e o atual período técnico-científico-informacional, no qual, investir na formação e carreira docente.

Metodologia

Para a construção teórica deste trabalho, foi imprescindível uma pesquisa bibliográfica e exploratória para se trabalhar o ensino de geografia, e as transformações do mundo atual em que vivemos. Autores como Cavalcanti (1998, 2012), Santos (2012a, 2012b), (Vesentini; Callai, 2015), Libâneo (1994), além de outros teóricos, foram imprescindíveis para a discussão deste trabalho, iremos discorrer do atual processo de ensino e aprendizagem em questão e as contradições do processo de transformação por meio da aceleração contemporânea.

Resultados e Discussões

O processo de transformação do mundo, os rumos da educação e o ensino de Geografia

O mundo contemporâneo, especialmente a partir do último quartel do século XX, vem passando por rápidas transformações – econômicas, sociais e culturais. Tudo isso é resultado da mais recente transformação tecnológica, mudanças essas comumente percebidas do ponto de vista global. Estamos diante de algo novo na história do homem, que é a terceira fase da

marcha histórica a que Santos (2012, p. 235, grifo do autor), definiu de meio *técnico-científico-informacional*, isto é, “o meio geográfico do período atual, onde os objetos mais proeminentes são elaborados a partir dos mandamentos da ciência e se servem de uma técnica informacional da qual lhes vem o alto coeficiente de intencionalidade com que servem às diversas modalidades e às diversas etapas da produção”. “Vivemos um período de mudança na ordem de significações; vivê-lo é viver uma circunstância de incertezas e, ao mesmo tempo, de oportunidades” (GONÇALVES, 2006, p. 377). Este é um tempo novo no espaço geográfico, um tempo que rege rapidez e estranheza, na medida em que as empresas, as instituições tendem a obedecer cada vez mais as lógicas racionais adaptados neste atual período. E a geografia enquanto ciência e disciplina tem a missão de interpretar e explicar o mundo tal como ele é, a partir de suas realizações, descobertas, revolução e produção de conceitos inovadores, inclusive aos novos papéis atribuídos às ciências.

Diante de tais mudanças rapidamente impostas ao mundo, refletir sobre a educação, e em especial ao ensino de geografia nesse atual processo é fundamental. Com isso Sene (2011, p. 14) define que “a educação é atravessada por diversos vetores que atuam numa sociedade em determinada época [...]”.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Ao estudar *os desafios do professor e seus desafios da prática pedagógica na atualidade*, Araújo e Yochida (2012) distinguem que:

A educação está no processo constante de mudanças, mudanças essas que tentam acompanhar o ritmo do novo milênio. Nesse sentido o educador vem exercendo um papel insubstituível no processo de transformação social, pois a formação de sua identidade ultrapassa o profissional, constituindo fundamentalmente a sua atenção profissional na prática social. (p. 2, grifo nosso).

Muitas são as discussões pertinentes em torno de nossa temática, na medida em que inúmeras indagações colocadas em torno de nossas reflexões, diante daquilo que pretendemos construir. A questão mais importante que se busca elucidar é: quais consequências esse atual período tem gerado como mudança na educação escolar? O que tem sido feito no sentido de adequar a educação aos desafios impostos pelo Período *técnico-científico-informacional*? Essas mudanças implicam, assim como em outros ramos do conhecimento, uma adaptação da educação escolar ao sistema produtivo ou abrem caminhos para que se avance no sentido de ampliar a compreensão do mundo e a autonomia das pessoas? E quanto a geografia Escolar? Qual o papel primordial da disciplina de geografia nesse atual processo histórico?

Diante de tais questionamentos
postulad

os, a dúvida sempre será a ideia centralizadora de nossas elucidações, na medida em que não temos respostas prontas para tais indagações, todavia, o ensino básico está num constante processo de mudanças. Mudanças essas que tentam acompanhar o ritmo da atual fase, a que atribuímos como o processo de globalização, sobretudo a disciplina de geografia, que tem como tarefa, explicar o *desafio da totalidade-mundo*. (STRAFORINI, 2001). Nesse sentido o professor vem exercendo de forma desafiadora, um papel insubstituível no ensino básico, no tocante processo de transformação social, pois a formação de sua história, de sua cultura e sua identidade ultrapassa o profissional, constituindo fundamentalmente a sua atenção profissional prática e educativa na sociedade. E quanto à geografia, percebe-se que nos últimos anos, essa disciplina vem passando por importantes mudanças, sobretudo do final do século XX, para o início deste século. Essas mudanças são evidenciadas por Vesentini (2004), em seu livro *o ensino de geografia no século XXI*, quando ele aborda as realidades e perspectivas do ensino de Geografia no Brasil. Este geógrafo salienta que:

Assim como acontece em muitos outros países, o ensino de geografia no Brasil vive uma fase decisiva, um momento de redefinições impostas tanto pela sociedade em geral – pelo avançar da Terceira Revolução Industrial e da globalização, pela necessidade de (re)construir um sistema



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

escolar que contribua para a formação de cidadãos conscientes e ativos – como também pelas modificações que ocorreram na ciência geográfica. (p. 220)

A Geografia viveu na metade do século passado, (entre ao fins da década de 60 e início da década de 1970), um balanceamento de crise, e essa crise surte efeitos negativos na disciplina até os dias atuais ao ponto, de ser comprometida a ficar excluída do currículo do ensino básico, sobretudo em alguns países. Em *Geografia e modernidade*, Gomes (2003) realça a discussão da Geografia sobre a sua importância e manutenção no ensino secundário francês.

Se a geografia viveu os seus momentos de crises, onde muitas vezes era vista como uma disciplina “simplista”, e “descritiva”, cuja função não era suficientemente em explicar os problemas do mundo, ao contrário dos que muitos ainda veem, essa disciplina conseguiu ao longo do tempo produzir novos conceitos que explicassem e desafiassem questões da realidade. Ainda Gomes (2003), em sua mesma obra, argumenta os progressos científicos obtidos pelos geógrafos, ao abordar que:

Em resposta, os geógrafos sublinharam os progressos relativos aos domínios incriminados pelos críticos, evocando notadamente a introdução de novas técnicas, o caráter mais operacional dos conceitos recentes, assim como o papel da geografia na definição de políticas de reorganização do território. A resposta

enfatizou, portanto, os aspectos relacionados à modernização de seus métodos, a nova perspectiva prospectiva e, sobretudo, a ruptura que foi operada com aquilo que se identifica como sendo a “velha” geografia. O prestígio e a legitimidade se justificaria, assim, pela conformidade ao modelo normativo de ciência, e sua modernidade se exprimiria nas técnicas sofisticadas (imagens de satélites, tratamento informático de dados, sistemas de informações geográficas etc.) e nos métodos que ela emprega. (Idem, p. 9-10).

E a geografia enquanto ciência e disciplina tem a missão de interpretar e explicar o mundo tal como ele é, a partir dos problemas e questões sócioespaciais tal como decorrem, inclusive aos novos papéis atribuídos às ciências e aos seus métodos impregnados, ou ainda como propõe Gomes (2003, p. 10), quando afirma que, “ao nível do ensino secundário, por exemplo, ela tem por meta apresentar uma visão global e coerente do mundo, em que a dinâmica dos fenômenos naturais e as relações homem-natureza, ou sociedade-território, são articulados à luz de uma perspectiva que nos é contemporânea”. Outros geógrafos renomados como no caso de Andrade (1999), também preocupa-se com uma certa atenção ao fato do papel da geografia e do geógrafo nesses novos tempos quando alertava que:

O geógrafo deve utilizar o seu potencial teórico, o domínio das técnicas modernas e o seu comprometimento com os altos objetos nacionais para dar uma contribuição positiva à solução dos problemas do país. Ciência é também política, e o cientista deve saber porque é utilizado, como é utilizado e em favor dos interesses de quem ela é utilizada. (p. 13).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A preocupação a que nos é central, é discutir de forma simplória a missão dessa ciência ao mundo, não com o intuito de descrever os fatores sociais e naturais, como se fazia a partir de uma geografia do passado, aquela reducionista e simplista. Mas ao papel atual da geografia, e sobretudo dos geógrafos é analisar, explicar e refletir o papel da sociedade, a sua relação com a natureza, ou como propõe Andrade (2006, p. 30) “cabe à geografia, estudando as relações entre sociedade e a natureza, analisar a forma como a sociedade atua, criticando os métodos utilizados e indicando as técnicas e as formas sociais que melhor mantenham o equilíbrio biológico e o bem-estar social”.

Não sem razão, Santos (2012), argumenta essa nova fase da crítica da geografia ao mundo tal como ele é interpretado, quando o autor contextualiza *a redescoberta e a remodelagem do planeta no período técnico-científico e os novos papéis das ciências*. Afirmando que:

Entre os múltiplos aspectos do período atual, é obrigatório reconhecer as relações entre as condições de realização histórica e a nova revolução científica. Essa revolução histórica e científica atribui às ciências do homem e da sociedade um lugar ainda mais privilegiado no conjunto dos conhecimentos. Num mundo assim reestruturado, um papel particular deve incumbir à ciência geográfica – uma ciência do espaço do homem –, e devemos interrogar-nos sobre os problemas que, nessa óptica, se abrem à sua realização, diante do conflito entre tudo o que acarretam os novos conteúdos prometidos à atualização da disciplina e suas presentes estruturas. (p. 15)

Para tal objeto de estudo, porém, nossa tarefa primordial é caminhar passo a passo diante do processo temporal em que se dão os acontecimentos para entender o que vivencia-se no atual período.

Em busca da construção do seu objeto de estudo, o pesquisador explora arduamente os mais diversos campos de trabalho, o que exige não apenas o conhecimento específico de sua área de atuação, mas sobretudo, uma aventura interdisciplinar, obrigando-o a uma questão de método, que é imprescindível na explicação e definição do objeto a ser estudado, pois, “falar em objeto sem falar em método pode ser apenas o anúncio de um problema, sem, todavia, enuncia-lo” (SANTOS, 2012, p. 19). É indispensável essa preocupação ontológica, esse esforço interpretativo, para que assim, o objeto a ser estudado, seja o início de uma longa discussão e criticidade, não com o objetivo de ser uma verdade estabelecida à geografia e às ciências humanas, mas sobre tudo, seja capaz de contribuir à luz da contemporaneidade para a educação básica, e em especial ao ensino de Geografia.

É de suma necessidade, que as transformações impostas ao mundo atual, tais como o avanço das tecnologias, a disputa cada vez maior por territórios, o papel subordinador da mídia e da informação na



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

sociedade, operando de uma forma global, sejam discutidos, abordados e refletidos no âmbito do espaço escolar. É necessário que a relação docente e discente esteja relacionado ao diálogo fortalecedor da crítica sobre a realidade, sobre a ordem de significações de ideias impostas diariamente.

Norteando sobre a importância de uma geografia crítica escolar, Kaercher (2015) é claro, ao colocar que:

É preciso mostrar aos nossos alunos que podemos entender melhor o mundo em que vivemos, se pensarmos o espaço como um elemento que ajuda a entender a lógica, não raro absurda, do mundo. Mostrar que sabemos Geografia não é sabermos dados ou informações atuais ou compartmentadas, mas, sim, relacionarmos as informações ao mundo cotidiano de nossos alunos. (p. 224).

O eixo centralizador do nosso debate é a construção de um sistema de ideias, que possam compreender como a educação básica, a escola e sobretudo, o ensino de geografia vem encarando tais mudanças, que nos últimos 30 anos vem ocorrendo nesses tempos de aceleração.

Na medida em que “a aceleração contemporânea impôs novos ritmos ao deslocamento dos corpos e ao transporte das ideias, mas também, acrescentou novos itens à história” (SANTOS, 2008, p. 28), é necessário questionar e discutir essas mudanças. A escola não tem sido capaz de responder a esses desafios, na medida em que nas atuais condições de trabalho e

adaptabilidade do sistema produtivo escolar, as metodologias tradicionais do ensino, tal como, a memorização de informações e o simplismo das descrições, ainda perpassam nos dias de hoje. No âmbito do espaço escolar, o papel do professor de Geografia, não é mais descrever os fatores sociais e naturais, que ocorrem na superfície da terra.

A participação ativa do docente é fundamental para que o aluno compreenda e vivencie algumas práticas para que este tenha uma noção geográfica do mundo, a função docente é mais do que uma abordagem de conteúdos em sala de aula. Para Libâneo (1994, p. 2), “o trabalho docente é parte integrante do processo educativo mais global pelo qual os membros da sociedade são preparados para a participação na vida social”.

A escola e a geografia como “lugares” de discussão dos acontecimentos do século XXI

Dentre inúmeras discussões, não podemos deixar de discutir sobre a escola como o espaço ideal e coletivo desse encontro participativo entre aluno e professor, para que o conhecimento por meio da troca dialógica do conhecimento entre estes indivíduos se desenvolva, sem levar em consideração que a escola seja apenas o espaço de preparação ao mercado de trabalho e reprodutora daquilo



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

que o sistema capitalismo produz, mas, utilizando a visão de Vesentini (1999),

A escola não é apenas uma instituição indispensável para a reprodução do sistema. Ela é também um instrumento de libertação. Ela contribui – em maior ou menor escala, dependendo de suas especificidades – para aprimorar ou expandir a cidadania, para desenvolver o raciocínio, a criatividade e o pensamento crítico das pessoas, sem os quais não se constrói qualquer projeto de libertação, individual ou coletivo. (p. 16).

É preciso crer na importância e no valor da escola como instituição libertadora, do desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, e onde as relações sociais são historicamente construídos e culturalmente valorizados, todavia, “a escolaridade é uma longa marcha. Pode-se sempre *fazer melhor*”. (PERRENOUD, 1994, p. 17, grifo nosso). Como também assinala Cavalcanti (1998, p. 129, grifo da autora), “a escola tem a função de “trazer” o cotidiano para seu interior com o intuito de fazer uma reflexão sobre ele por meio de uma confrontação com o conhecimento científico”.

Um outro ponto que nos obriga a questionar é a tal famosa discussão sobre a interdisciplinaridade, e que é tão cara a ser trabalhada na educação básica, inclusive no ensino de geografia. Pois se na academia, a discussão interdisciplinar, já é quicã desafiadora, na educação básica, fazer uma ponte interdisciplinar entre as disciplinas, não

é apenas um desafio, mas todavia, uma dificuldade.

A interdisciplinaridade consiste na junção de conteúdo das mais diversas áreas do conhecimento, e permite que o pesquisador enxergue num contexto heterogêneo os mais diversos problemas que podem ser compartilhados na discussão de conteúdos que cada disciplina aborda. Com isso a geografia, *ciência complexa por princípio*¹ enquanto disciplina escolar, pode e/ ou deve trazer no seu ideário científico e investigativo pesquisas que estão voltados ao campo da sociologia, da história, como de outras disciplinas, que enfatizam os problemas sociais, porém, é importante deixar claro que fazer uma ponte de conteúdos entre as demais disciplinas, é essencial para fortalecer o caráter interdisciplinar, mas, a geografia não deve fugir do seu caráter específico de ciência e disciplina, isto é, dos conteúdos propriamente específicos voltados para o seu campo de estudo.

O Período técnico-científico-informacional e a formação geográfico-pedagógica do professor.

Refletir sobre os aspectos significativos da formação do professor e, especificamente, do professor de geografia,

¹ Ver Edgar Morin, *A cabeça bem-feita*, 2004, p. 28.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

com as suas práticas e desafios na era da informação tecnológica, é de suma importância para nossas reflexões, pois como afirma Cavalcanti (2012, p. 62), “as transformações sociais econômicas e culturais por que tem passado o mundo nos últimos anos afetaram de modo significativo a esfera do trabalho.” Tanta a respeito de sua prática docente, como os desafios a trilhar são inúmeros neste atual período pelo qual, estamos propondo ao longo deste trabalho. Abordando *a formação do professor e os desafios* colocados, partimos dos questionamentos de Pontuschka (2006), quando ela indaga que:

Para tanto, é importante ter consciência dos desafios que se colocam para essa formação: quais as expectativas de nossas crianças e adolescentes e dos professores que vêm sendo formados? Como enfrentar as resistências às mudanças de professores e gestores das escolas, tanto da universidade como das escolas do ensino básico? Que princípios definiriam os currículos de formação? Como conciliar o bacharelado que hoje se coloca tão distante da licenciatura? (p. 270).

Ao pensar criticamente no ensino de geografia, podemos refletir acerca das questões da autora supracitada, como também colocarmos outras questões relevantes, que possam delinear caminhos para a análise do processo de formação que, hoje, ocorre e que desejamos melhorar, alcançar resultados positivos em torno de uma geografia escolar, com professores de formação e com atuação

crítica no atual contexto em que se encontra a educação básica. Pois o que vem sendo observado a partir de nossas análises, é um ensino ainda defasado e evasivo, com alunos com pouco interesse, pouco entusiasmo e motivação, e a geografia que deveria ser uma das disciplinas que mais podem contribuir com o processo de formação do cidadão, a partir dos contextos do mundo que podem ser estudados em sala de aula, acaba enfraquecida no currículo escolar. Para Oliva (2006):

A função de qualquer disciplina não é o entendimento de seu objeto de estudo, e sim *a partir dele colaborar para a compreensão do todo*. A geografia, por intermédio de seu objeto de estudo – o espaço geográfico – pode, e deve, oferecer elementos necessários para o entendimento de uma realidade mais ampla. Assim a geografia *não é* a descrição sumária de dados e problemas e sua distribuição regional. Sem o uso dos instrumentos teóricos adequados, não se chega a uma análise e interpretação global dos fenômenos. Pensar as relações *espaço geográfico e sociedade, global e local, moderno e tradicional*, por exemplo, são aspectos indispensáveis para a elaboração de uma geografia que não seja meramente descritiva ou de localização. (p. 46, grifo do autor).

Apresentar uma visão da geografia em sala de aula, sobretudo nesta atual fase da globalização, é uma tarefa pedagógica, pois o mundo é complexo, e exige do professor cada vez mais consciência crítica do seu fazer pedagógico e didático, sem se deixar levar pelo obscurantismo do *simplismo* e do *reducionismo*, mas acima de tudo, oferecer ao



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

aluno, uma leitura esclarecedora do mundo e suas transformações cada vez mais rápidas.

Ensinar no mundo de hoje, diante de suas características como veremos aqui, se constitui no maior desafio da escola e do professor, todavia, ensinar geografia, e torná-la uma disciplina capaz de envolver o aluno no processo de ensino e aprendizagem, é indispensável para a construção da cidadania, e por conseguinte, um desafio maior ainda, partindo da sala de aula ao mundo como realidade, pois como bem salienta Carlos (1999, p. 8), “a sala de aula ganha importância na formação do cidadão – que se realiza ou mesmo se concretiza na possibilidade de um trabalho criativo – que leve o aluno a pensar o mundo em que vive a partir de sua condição real de existência”.

É preciso questionar e refletir sobre a formação do professor no Brasil, em especial do professor de geografia, na medida em que discutimos princípios teóricos e implicações da formação inicial e continuada do professor de geografia, pois sem uma formação qualificada, principalmente dessa disciplina, é que esta, acaba por torna-se na educação básica, um mero exercício de memorização e impossibilitada do aluno pensar e aprender os seus diversos conteúdos em sala de aula.

Investir na carreira docente, na formação continuada de professores, é o caminho certo para que na educação básica,

esses professores estejam devidamente preparados, a lidar com as dificuldades do próprio sistema escolar, professores que estejam preparados a assumir uma postura crítica, eficaz e renovadora, diante do processo de transformação que o mundo impõe a cada dia, e as inovações tecnológicas estão aí, contribuindo positivamente para a educação e o processo de ensino e aprendizagem, todavia, segundo Callai (2015, pp. 256-257), “queremos formar um professor que se preocupe em “passar conteúdos”, ou seja, que provoque o aluno, levando-o a querer a aprender”.

Considerações Finais

A educação vive em constante processo de mutação, sobretudo a partir do final do século XX para início do século XXI, com a chamada aceleração contemporânea, pelo qual, priorizamos a esta discussão. Quando colocamos a Geografia nesse contexto da educação, a nossa tarefa é pensar numa ciência, ora na universidade, que seja capaz de formar professores, que possam dar conta de explicar as transformações sócio espaciais, culturais e econômicas, ora, professores sobretudo pesquisadores, atuantes na educação básica, que possam quebrar o preconceito daquela velha fama que a geografia carregou em seu campo de atuação



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

profissional, cuja ciência era “enciclopédica e decorativa”, e que sejam capaz de propor uma geografia escolar da reflexão crítica, dialogando com o aluno, conceitos e temas, que sejam capazes de fazer este aluno, a pensar, criticar e aprender o seu cotidiano e a sociedade de uma forma geral.

Portanto, discutir a educação e o ensino de geografia no mundo atual, pelo qual chamamos de aceleração contemporânea, é ao mesmo tempo discutir mudanças e desafios, no que concerne a missão da geografia e do geógrafo enquanto professor. Como bem escreveu Milton Santos (2012, p. 261), “uma ciência digna desse nome deve preocupar-se com o futuro. Uma ciência do homem deve cuidar do futuro não como um mero exercício acadêmico, mas para dominá-lo”. Por fim, este trabalho não é a finalidade de uma discussão teórica em torno da educação, mas apresentar um trabalho que seja capaz de dá continuidade ao nosso projeto acerca do papel do ensino de geografia e do professor, capaz de levar para o aluno.

Referências Bibliográficas:

ANDRADE, M. C. de. **Geografia: ciência da sociedade**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006. 246 p.

ARAÚJO, P. L. de.; YOCHIDA, S. M. P. F. **Professor: Desafios da prática pedagógica na atualidade**. Faculdades Integradas Mato Grossenses de Ciências Sociais e Humanas, Cuiabá – MT, 2010.

CAVALCANTI, L. de. S. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

GONÇALVES, C. V. P. A invenção de novas geografias: a natureza e o homem em novos paradigmas. In: SANTOS, M. *etal.* **Territórios, territórios: ensaio sobre o ordenamento territorial**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 416 p.

KAERCHER, N. A. **O gato comeu a geografia crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de geografia**. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. de. **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. 4. ed., 2ª reimpressão. São Paulo, 2015.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

PERRENOUD, PH. **Ofício e sentido do trabalho escolar**. Tradução de Júlio Ferreira e José Cláudio. 1. ed. Porto/PT: Porto Editora, 1994.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e modernidade**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 368 p.

SENE, J. E. de. A educação e o ensino de geografia: na era da informação ou do conhecimento? **Olhar de professor**. Doi: 10.5212. v. 13 il. Ponta Grossa, 2010. p. 13-36. Disponível em: <http://www.uepg.br/olhardeprofessor>. Acesso em: 26/07/2016.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. 176 p. (Coleção Milton Santos; 11).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Metamorfoses do Espaço

Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. 6. ed. 2. reimp. – São Paulo, 2014. 136 p. (Coleção Milton Santos; 10).

TANCREDI, R. M. S. P. **Globalização, qualidade de ensino e formação docente.** Ciência & Educação. São Carlos: UFCar, 2009.

VESENTINE, J. W. Educação e ensino da geografia: instrumentos de dominação e/ ou de libertação. In: CARLOS, A. F. (organizadora) **A geografia em sala de aula.** São Paulo: Contexto, 1999. (Repensando o ensino).